

Perigo:
inflação em alta.

Como deverá ser o segundo semestre

Os empresários não esperam grandes mudanças, segundo revela pesquisa realizada pela Fiesp. Eles acham que o governo já não controla a inflação, as exportações estão mais difíceis e os juros permanecem altos demais.

Difícilmente o segundo semestre deste ano apresentará uma recuperação sensível nas atividades da indústria e do comércio. No máximo, deverá se repetir o desempenho do último semestre de 1981, considerado ruim pelos empresários. Em resumo, o semestre que se inicia amanhã ainda aparece como uma grande incógnita. É o que se pode concluir da pesquisa encerrada anteontem pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), onde 45 sindicatos de indústrias e duas entidades ligadas ao comércio responderam a questões sobre as perspectivas de reaquecimento da economia, com base nos resultados do mês de junho.

Cláudio Bardella, diretor do Departamento de Economia da Fiesp, acha que o segundo semestre se deverá manter relativamente estável em comparação ao primeiro semestre, "mesmo porque é impossível de se trabalhar com uma capacidade ociosa maior que aquela registrada em 1981". Para Bardella, de lá para cá os custos fixos continuaram os mesmos, com padrões de produtividade muito menores. A dificuldade do combate à inflação ("o país perdeu seu controle..." — comentou o empresário) é muito difícil, porque "ela é uma inflação de custos, estrutural".

Para Bardella, as dificuldades relacionadas ao desempenho da indústria no segundo semestre serão agravadas por problemas na balança de comércio, prejudicada pela Guerra das Malvinas, mais as ameaças tarifárias por parte do Chile, México e Nigéria, "que diminuem as possibilidades de exportação do Brasil". Bardella acrescentou que, ao contrário do que se esperava, as taxas internacionais de juros não caíram, "tendo voltado a subir em junho". Tudo isso, segundo ele, vai refletir-se no balanço de pagamentos do país, "com reflexos na questão da inflação, dificilmente permitindo que a meta do governo (de 85% para 1982) seja viabilizada". Segundo Bardella, é pouco provável — a partir dos números obtidos em junho — que a inflação termine este ano abaixo de 95%.

Isso coincide com as conclusões do trabalho da Fiesp, onde a perspectiva de uma recuperação para o segundo semestre fica na dependência do desempenho das exportações ou da manutenção dos atuais níveis de desempenho da economia. Tomando os principais sindicatos que participaram da pesquisa, nota-se que no setor de abrasivos ainda há uma capacidade ociosa de 50% em relação aos níveis de 1980. Embora o texto fale em "melhora", diz também que "espera-se uma retomada apenas em 1983".

O Sindicato da Indústria do Açúcar limitou-se a responder que os preços do produto estão baixos no mercado externo, e "no mercado interno, açúcar e álcool dependem de decisões governamentais", enquanto o Sindicato de Aparelhos Elétricos, Eletrônicos e Similares, registra "recuperação lenta", com nível de produção do primeiro quadrimestre de 1982 "menor que o do mesmo período em 1981".

O mesmo sindicato informa que o segundo semestre é uma "incógnita" e que, para o setor de Bens de Capital e Instrumentação será "provavelmente pior do que em 1981". O Sindicato da Indústria de Artefatos de Borracha aponta uma renovação do estoque e diz que o desempenho do setor ficará nas bases de 1981 "e muito longe dos níveis de 1980".

"Praticamente igual a 1981", é o prognóstico do Sindicato da Indústria de Artefatos de Papel, Papelão e Cortiça, mas fala em "perspectivas favoráveis e informa que as exportações melhoraram embora México e Chile estejam com problemas". Diz ainda que as "vendas estão boas, mas está difícil receber e há atraso de pagamentos". O setor de calçados informou que o desempenho está "empatando" com 1981 e há queda nas exportações e uma ampliação no consumo de produtos populares.

O setor de Condutores Elétricos, Trefilação e Laminação de Metais Ferrosos fala em "reativação neste primeiro semestre", em reposição de estoques e "lenta mas

real recuperação no setor". O sindicato da Indústria de Construção Civil e Grandes Estruturas indicou que, "na média, o setor está em atividade", mas ressaltou que existem diversos segmentos com problemas, tais como o Mercado Imobiliário, o que está "parado" o de "Obras Públicas" com "pagamentos atrasados, e a Cohab parada".

Na Indústria de Construção de Estradas, Pavimentação e Obras de Terraplenagem em Geral não há registro de recuperação, e "para os próximos meses as perspectivas são péssimas" e espera-se que 1982 seja igual ou abaixo de 1981. Da mesma maneira, o setor de Defensivos Agrícolas registrou uma reação, "mas não é uma situação normal, pois há uma dependência muito grande do crédito". O setor de Fiação e Tecelagem falou de "pequena recuperação" e que as exportações do primeiro quadrimestre deste ano foram "melhores que 1981", mas o segundo semestre não deve ser bom, devido ao fechamento de mercados como Polônia, Argentina, Nigéria, etc.

O Sindicato da Indústria do Frio, no entanto, qualificou a situação como péssima; o setor de Fundição afirmou que das 1.147 indústrias existentes em 1980 restam agora 900, mas acredita que Carajás "dará um novo alento, embora muito pequeno". A capacidade

ociosa do setor é de 60% e os níveis de produção estão iguais aos de 1976.

A pesquisa da Fiesp indica ainda que o setor de Componentes para Veículos Automotores teve uma "ligeira melhora em relação a 1981", ressaltando que a "exportação está ruim, mas espera-se que em 1982 seja um pouco superior a 1981, sem, contudo, atingir os níveis de 1980".

Os setores comerciais também se manifestaram na pesquisa de tendência da Fiesp. A Associação Comercial de São Paulo indicou ligeira melhora no mês de março para produtos de menor valor, o que significa que está havendo

uma reativação em relação a 1981, "com mudança no perfil de consumo". Por outro lado, a Federação do Comércio diz que "não está havendo reativação" — estamos numa época em que se vende mais, mas é uma venda sazonal". A Federação do Comércio aponta o recrudescimento da inflação em junho e deixa claro que a tendência é de aumentar até o final do ano. "Assim" — concluiu a Federação — "pode existir um ou outro setor isolado que se apresente bem (mais ou menos no mesmo nível de 1980), mas o Comércio como um todo está mal".

Sérgio Leopoldo Rodrigues

O que falta? Uma política econômica.

Esta é a opinião do professor Marcos Fonseca, da USP. Segundo ele, o governo continua insistindo em "terapias conjunturais" para tratar de problemas estruturais. E fica procurando "bodes expiatórios" (chuchu, cebola, barbeiros, empresários) para os seus próprios erros.

Ao contrário do que quer mostrar o governo, através de intensa campanha publicitária, o Brasil ainda não encontrou a saída, e uma das provas é a retomada da infla-

ção, que este mês deve subir 7%, empurrando a taxa de 12 meses de 91% para 94% — uma tendência que os economistas consideram inevitável, dada a falta de defini-

ção de uma política econômica global.

Segundo o professor Marcos Fonseca, da Faculdade de Economia e Administração da USP, o governo recusa-se a aceitar o diagnóstico de que os problemas da economia são estruturais. "E continua insistindo em terapias conjunturais para tratar desses problemas. Em vez de definir uma política industrial consistente, uma política agrícola voltada para as necessidades da população (o que daria um crescimento seletivo), prefere optar pela recessão generalizada. O País não encontrou a saída, e, a se manter essa orientação, estaremos condenados a não sair da recessão, e com problemas no balanço de pagamentos", afirma Fonseca.

Para o professor, as restrições de demanda impostas pelo governo, desde 1980, foram suficientemente fortes "para que alguém possa dizer que o problema econômico brasileiro esteja na política monetária ou na fiscal. Muito pelo contrário. A política restritiva, os cortes nos gastos públicos, hoje, também estão provocando inflação. E o mais grave: não há, no horizonte visível, perspectivas de recuperação, nem do ponto de vista de crescimento de economia, nem em relação à queda da inflação, ou à recuperação da balança comercial".

Essa situação não é nova, e a cada momento o governo procura encontrar um culpado, diz Fonseca. "O governo fica procurando bodes expiatórios (chuchu, cebola, barbeiros, empresários), tentando esconder os erros que tem cometido na condução da política econômica. E sempre fazendo isso de modo arbitrário, num papel de quase terrorismo econômico." (Fonseca está se referindo às últimas punições do governo às empresas, quando primeiro puniu "para depois chamá-las a se explicarem".) "A continuar nesta linha, os empresários preferirão a volta do CIP. Pelo menos, saberão em quanto poderão aumentar os preços. O que o governo está pretendendo é criar temor e insegurança com relação à elevação de preços. Quer intimidar os empresários e evitar que eles desempenhem o papel normal numa economia capitalista, que é a obtenção de lucros."

Por paradoxal que possa parecer, é a atual política econômica que faz com que os empresários tenham como única saída, para obter lucros, a elevação de preços, constata o professor. Essa política pode ser traduzida por uma "estratégia recessiva, que, além de não abrir margem para uma lucratividade sadia, promove uma elevação generalizada de custos (através da ociosidade das empresas)", diz Fonseca.

Onde a saída?

O País, porém, ainda pode encontrar uma saída, afirma o professor, alertando que sua opinião não pode ser encarada como pessimista. "É apenas uma crítica à forma de atuação da atual política econômica." A solução, como já disse Fonseca, estaria numa mudança estrutural da economia, "não, evidentemente, destruindo o que já se fez, mas compatibilizando o balanço de pagamentos e a inflação, dentro de um planejamento de longo prazo, definindo, por exemplo, uma política industrial e agrícola. E isso, o governo recusa-se a fazer".

Há muito tempo, vários setores intelectuais e empresariais vêm sugerindo uma política econômica definida, um planejamento "que não seja de apenas um dia". Se o governo não atende a esses anseios, é que por trás "deve ter um conjunto de questões políticas. E a falta de sensibilidade e legitimidade acaba, então, por nortear a política econômica. Acaba sendo um governo voltado para uma parcela pequena da população. Mesmo as parcelas que o governo imagina estar beneficiando hoje estão insatisfeitas. O empresariado, por exemplo, já entendeu que, em benefício da Nação e deles mesmos, a política tem que ser mudada".

Essa política beneficia largamente o setor bancário. "O setor está gerando tanto lucro que causa vergonha aos próprios banqueiros." E a situação do Banco do Brasil é singular: "Está obtendo grandes lucros, e isso é o sintoma mais claro de que está falhando no cumprimento do papel social que possui", diz Fonseca.

O segundo semestre, mostra o professor, deverá ser igual ao primeiro. A tendência continuará sendo recessiva, como a partir de julho de 1980, com a agravante das altas taxas de juros. E o ano deverá fechar com uma inflação possivelmente igual à de 1981, "mas isso não tem diferença: se a inflação for de 95% ou de 105% é a mesma coisa. Qual a diferença que há se a inflação cair 5% ou aumentar 5%? Essa discussão só é válida em países como os Estados Unidos, que têm inflação baixa. Além do mais, acho que a tendência declinante da inflação se deveu muito mais a acidentes estatísticos que a uma real inclinação para cair".